

**ANAIS**  
**XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**  
**XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**

**DO “GHOSTING” AO “MATCH” – LAÇOS AFETIVOS DOS  
HIPERCONECTADOS**

**Márcia Marques Lopes de Oliveira Pires<sup>1</sup>**

Artur<sup>1</sup>, um garoto de 12 anos que há pouco tempo havia iniciado a análise de forma online, queixava-se de ser excluído por todos na escola. Seu discurso intelectualizado, com teorias sobre a exclusão, incluía críticas sociais e políticas sobre a posição das pessoas com quem convivia. Em uma sessão insisto para que me descreva melhor uma situação em que fora excluído, algo que nas sessões anteriores ele se esquivava em responder, o que chamava atenção. De repente, silêncio. A chamada “cai”. Fico sem entender o que houve, volto a ligar, ninguém responde. Envio uma mensagem que não chega. Depois de um tempo, após tentar contato novamente, um pouco confusa com o que estava acontecendo, percebo que fui bloqueada no WhatsApp. Embaraço. E assim acontece meu primeiro bloqueio.

Em 2001, Levisky escreveu em seu livro *Adolescência* uma sessão em que seu paciente adolescente chega à clínica junto com ele, porém entra antes e o tranca do lado de fora e a sessão acontece através do interfone com o analista na rua. No relato, ele descreve a sessão e seu desconforto diante do acontecimento inusitado, falando no meio da rua ao interfone com seu paciente, que ora zombava da situação, ora se angustiava. Sua reflexão, já naquela época, nos apontava ao inquietante desconforto que eventualmente a clínica com adolescentes nos impõe e da necessidade de sustentação do *setting* analítico neste contexto.

Das diversas situações que a clínica com adolescentes nos lança, nunca imaginei que ficar por quase uma semana neste limbo, bloqueada, ‘presa do lado de fora’ da ligação, fosse levantar tantas questões. Além disso, é fundamental considerar que a adolescência vem sempre nos dando notícias antecipadas do futuro, dos destinos e dos sofrimentos de uma sociedade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC-GO), Especialista em Teoria Psicanalítica (PUC-SP), Formação em Psicanálise pelo GTEP do Instituto Sedes Sapientiae (SP), Psicanalista Membro da APPOA.

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Lacadée fala da adolescência nesta dimensão inédita do ato, como saída ao impasse da relação com o Outro. Ele afirma que “tomar posição na língua, mesmo da forma mais desrespeitosa e incômoda para o Outro, frequentemente é a solução, às vezes sob impasse, adotada por alguns adolescentes” (2011, p.21) e neste sentido a linguagem mostra sua legitimidade por ser veículo identificações, sendo constituinte e constituída pelo sujeito. Neste sentido, ao analista cabe ser sensível ao muitas vezes impossível de suportar de como o sujeito se liga ao outro.

Situo ainda que o propósito deste texto não é questionar a análise online como uma possibilidade ou impossibilidade, entendendo que qualquer formato traz suas questões e implicações, e ainda reconhecendo a necessidade de que a reflexão sobre o sujeito em seu tempo é o que faz da psicanálise um dispositivo vivo.

*“Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas” (Lacan, 1953/1998, p. 322).*

Acrescento ainda que o sujeito que vem à análise, ao contrário do que ainda desejam alguns analistas, não chega com sua questão pronta, articulada e bem endereçada, mas sim munido e falando através de seus sintomas que serão inevitavelmente atuados na relação transferencial. E tomando como eixo a afirmação de Lacan (1958, p.601) em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, de que “não há outra resistência à análise senão a do próprio analista”, ler o sintoma e entendê-lo como uma forma do sujeito se expressar no mundo é parte do trabalho do analista.

Avançando um pouco nesta articulação aponto ainda dois elementos. De um lado a constatação dos analistas de que nos últimos tempos o vínculo dos pacientes com o processo de análise mudou, está mais irregular, inconstante e inconsistente. De outro, vale considerar a forma com que os laços afetivos vêm se constituindo nos tempos mais recentes, com a mediação importante dos dispositivos eletrônicos no processo.

Assim, nos relacionamentos afetivos surgem novas nomeações que traduzem as possibilidades de laço: “emocionado”, “*ghosting*”, “relacionamento aberto”, “*poliamor*”, etc. Nas formas de nomear o sofrimento temos transtornos, fornecidos amplamente pelo DSM. Na comunicação emojis, figurinhas, letras como representantes de palavras: *ss*, *rs*. Na relação com o outro, atos: sumir, desaparecer, bloquear, cancelar.

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

No encontro a mediação pelas redes sociais: Tik Tok, Instagram, Tinder, Badoo, X (antigo Twitter)... Os jovens de hoje nasceram colados em dispositivos eletrônicos e conectados nas redes, transitando por outros termos e nomeações e dando notícias de um novo código e modo de se relacionar com o outro e com o mundo.

Goldenberg (2017) nos recorda que invariavelmente todos os tempos são de crise e hoje nos levantam questões os dispositivos eletrônicos, mas antes o rádio, o telefone, a televisão foram também questionados. Neste sentido ele segue afirmando que tal mudança implica novas encruzilhadas éticas para os contemporâneos, inclusive analistas, que diante da nova realidade não devem tentar imitar o modelo e condições presenciais, mas reconhecendo que algo mudou, algo se perdeu e outras coisas se ganhou, buscar pensar como contemplar as possibilidades deste novo meio.

Cabe ainda considerar que para entender as mudanças na forma com que os laços afetivos vêm sendo constituídos é indispensável partir de três premissas: feminismo, neoliberalismo e tecnologia.

Os movimentos feministas levantaram questões importantes a partir dos estudos de gênero, a respeito do patriarcado e da maternidade, ou seja, o lugar da mulher nos arranjos relacionais (trabalho, hierarquias, casamento, cuidados com os filhos, etc) e a forma com que estes formaram condições radicais de poder e submissão. Judit Buttlar (2019), ressalta a forma com que os gêneros são instituídos por uma repetição estilizada de certos atos, que produzem uma ilusão de identidade construída, em que pessoas performam seus corpos e gêneros de forma comum em uma identidade aparentemente harmoniosa, fazendo com que acreditem naquilo que performam. A autora, lança luz sobre a forma como as estruturas culturais e políticas atravessam certa organização social e se reproduz em atos, e entende que os corpos são transformados em gêneros por uma série de atos que são consolidados através do tempo, legados que são sedimentados cultural e historicamente.

Levantar a questão das atribuições e papéis de gênero recoloca no centro do problema aqui formulado uma interrogação a respeito das mudanças que acontecem hoje na noção de laço afetivo, uma vez que não podemos deixar de ponderar que as configurações amorosas se fizeram historicamente sob uma lógica da submissão da mulher à família, amor romântico e casamento, onde o ideal de felicidade e completude da mulher foi forjado na busca da constituição de uma família monogâmica, patriarcal e com filhos, sendo a maternidade o que elevaria a mulher a plenitude, por ser dotada, no discurso patriarcal, de dons de cuidado e amor incondicional.

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Assim, a ideia com a qual flertamos de laço afetivo é a de amor construída pelo patriarcado, aquele que se regula nas bases da submissão da mulher. Posto isso, levanto também a provocação, que não será foco deste trabalho, mas que não podemos perder do horizonte, se as críticas atuais à fragilidade dos laços e vínculos neste momento histórico em que se abrem as configurações afetivas e amorosas, especialmente ligadas novamente ao desejo da mulher, não representam mais um esforço de produzir relações de servidão?

Associado a isso, a lógica neoliberal atrelada ao uso da tecnologia, produziram um modelo de 'cultura empreendedora neoliberal' que vincula um entendimento de liberdade a maneira com que as pessoas supõem se governar, a exemplo das práticas da comunicação digital, o surgimento da figura do *influencer* e a ideia do *self* empreendedor. A cultura digital, potencialmente lucrativa, dá visibilidade a discursos e modelos de subjetividade através de ferramentas de produção, edição, modulação, de expressões planejadas, ensaiadas e performadas, elevando os valores de sociabilidade àquilo que melhor configurar um espetáculo de si, cuja métrica se dá nos elementos de curtida, visualizações, comentário, seguidores, engajamento e interações. Tais plataformas de socialização que interagem por meio de imagens (fotos e vídeos) tornam cada vez mais evidente o regime de visibilidade onde, sob a premissa do conteúdo informal e despojado, aumentam naquele com quem se interage a ilusão de intimidade, além de produzir uma cena de fabricação do "eu" no ato de exposição (Bentes, 2023).

A pandemia da COVID-19 acelerou também o processo de popularização e acesso a infinidade de dispositivos de inteligência artificial, viabilizando as conexões entre as pessoas em diferentes contextos e lugares. Recentemente uma paciente relata que conseguiu estar virtualmente em um evento que lhe interessava muito, e assim pode "participar sem estar presente". A curiosa expressão se desdobra em inúmeros outros momentos da análise onde ela fala da vida multitarefas em que precisa participar de várias atividades, se sentindo muitas vezes ausente de todas, levantando elementos comuns aos nossos tempos, como assistir séries e vídeos ou ouvir podcasts e áudios em velocidade dobrada simultaneamente a execução de outras atividades. Não raro vemos os jovens estudando, vendo série, em chamada de vídeo simultaneamente. Assim a atenção se divide em inúmeros elementos, se afetando e interagindo com todos.

Se tais dispositivos aumentam amplamente as possibilidades de interação, é preciso considerar a significativa diferença entre interação e vínculo. No filme de Spike Jonze, 2013, *Her*, o escritor Theodore se apaixona por Samantha, um sistema

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

operacional artificialmente inteligente. Sabemos que estes sistemas são modelos estatísticos de probabilidade. Na sociedade hiperconectada gera-se uma quantidade extraordinária de dados que são organizados de forma preditiva, a exemplo do Chatgpt, que busca a partir da probabilidade situar de forma mais assertiva cada palavra em uma sentença para que responda à questão do usuário que com ele interage. No filme, a partir de uma pergunta do sistema “Quem é você?”, Theodore responde com uma nova pergunta, e inicia-se um processo interativo onde o sistema calcula e processa informações para cada vez melhor responder.

Volto a Artur, o paciente citado no início do texto, que me envia uma mensagem um dia antes da sessão seguinte, confirmando-a. Ele segue em seu processo de análise, ainda com muita dificuldade de se relacionar com as pessoas, porém com grandes habilidades de interação nos meios eletrônicos. Queixa-se de sua dificuldade de ter amigos, pertencer a grupos e participar de forma espontânea das atividades nos ambientes em que frequenta. Recentemente falou que quando vai conversar com alguém tenta agir como se fosse um algoritmo, procura prever o que a pessoa espera ouvir dele, para assim reagir. Desta forma suas atitudes se fazem mecânicas, suas respostas apesar de certas parecem não caber. Para Artur o outro é um enigma estatístico, que ao tentar respondê-lo e não o decifrá-lo, acaba sendo por ele engolido.

Artur é dilacerado pelo ideal que acredita indispensável para se relacionar com o Outro, e neste jogo de enigmas está sempre fadado a perder. Faz-se grande apenas na imagem virtual, em seu avatar, onde brinca siderado pela experiência escópica, ou mesmo mimética da interação como a inteligência artificial. Este olho que retorna da máquina opera como um Outro não barrado, sem falta, que eleva o avatar a um jogo ciber-erótico e faz desaparecer o sujeito no jogo escópico irrestrito e sem limites.

Relacionar não é o mesmo que imitar. Na vitrine das relações sociais, fazer-se objeto de desejo confunde-se com fazer-se objeto de satisfação. O desejo de encontro com o sujeito ideal, que preencha todos os requisitos imaginários, é continuamente frustrado ao se deparar com a realidade do impossível do gozo pleno. O universo da inteligência artificial e os aparatos tecnológicos, reativaram a ilusão constitutiva e estrutural de que é possível um encontro perfeito, um outro que responda aquilo que o sujeito acredita narcisicamente ser o seu desejo, ou seja, aquilo que o completaria.

Como aponta Rinaldi (2011), a distância mediada pela manipulação da palavra e da imagem, associada à subtração da presença, produzem uma opacidade da presença do outro. O encontro com o outro que se dá sob o signo da *das Ding*, que se faz através de uma distância íntima, que através do corpo apresenta seu caráter

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

intolerável do gozo, e recoloca a questão do que fica excluído ou vazio, opaco, nas redes sociais e acaba se articulando sobre o princípio da identificação e da primazia do imaginário, desconsiderando a dimensão simbólica marcada pelo enigma da presença.

Vale acrescentar aqui que não se trata de uma garantia da presença que possa ser assegurada pelo corpo, mas os efeitos da mudança produzida pela entrada radical dos dispositivos eletrônicos como mediadores amplos nos processos de relacionamentos e sua presença constante na vida dos sujeitos.

Dunker (1917), nos aponta de que maneira a precoce superoferta de presença produzida pela contínua oferta de imagens atraentes e estimulação auditiva e sensorial se coloca como uma novidade intersubjetiva que produz a crença de que o outro está sempre disponível. Em consequência disso, a eliminação do tempo desconfortável, porém criativo, da ausência do outro, produz uma suposição de que o outro está sempre interessado e disponível, o que afeta a estrutura da demanda. Pedir-recusar, oferecer-negar deixam de ser elementos que interagem dialeticamente no processo constitutivo, criando-se, com a mediação do circuito digital, muros de indiferença que invisibilizam a diferença uma vez que excluem o outro perturbador, mantendo as relações sob os signos exclusivos da identificação – amar e ser amado, por exemplo.

Segundo Ferreira (2023), a lógica dos aplicativos cria a ilusão de um encontro que subtraia a diferença, através de um escudo – o dispositivo eletrônico - que faz parecer que o sujeito está protegido do incômodo da presença do outro, e diante do sinal de mal-estar o sujeito reduz-se a um indivíduo que pode se recolher a experiência de anonimato, reduzido à sua insignificância social de identidade ou à solidão. Esta, todavia, pode ser amparada pelo prazer de conexão proveniente dos inúmeros dispositivos simultaneamente conectados, que produzem a ilusão de não estar só. Assim, há um deslizamento da noção de solidão, que deixa de ser entendida como ausência de relação e passa a ser tomada como ausência de interação ou como vida desconectada.

Um limite entre 'eu' e o 'outro' se põe a partir do anteparo que é o dispositivo eletrônico, manuseado em tempos assíncronos, o que supostamente preserva o espaço e a relação com o outro num plano ideal, onde é possível elaborar a resposta ou reação, manipular, editar, bloquear, eliminar, sem perder a ilusão de estar de estar fazendo o que se deseja e estar sendo sempre ouvido pelo outro.

Uma paciente em uma sessão recente me diz: “decidi abrir a nossa relação, comecei fazer terapia com uma outra pessoa pois não quero desperdiçar o nosso tempo falando desta questão (referindo a um problema específico), prefiro trabalhá-la com

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

outra pessoa – agora temos um relacionamento aberto”. A despeito qualquer coisa que eu pudesse dizer, ficava clara sua necessidade de preservar algo da relação transferencial pra que essa não fosse de nenhuma maneira tensionada e mantivesse no suposto plano das identificações e do amor.

Lacan, no Seminário 11, mais uma vez articula a questão do desejo do psicanalista e sua importância na direção do tratamento: “o sujeito enquanto assujeitado ao desejo do analista, deseja enganá-lo dessa sujeição, fazendo-se amar por ele, propondo por si mesmo essa falsidade é essencial que é o amor” (Lacan, 1964/1979, p.240). O desejo do paciente, emaranhado na trama transferencial, faz de enganar-se.

*“... Se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta. E, por esta via, ele isola o ‘a’, o põe a maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do ‘a’ separador, na medida em que seu desejo lhe permite, numa hipótese às avessas, encarnar, ele, o hipnotizado” (Lacan 1964/1979, p.258).*

É porque o analista transita em seu desejo no sentido contrário ao da identificação, e não cede a demanda de ser suporte identificatório para o analisando, que a análise se faz possível.

Podemos dizer, a caminho de concluir, que a interposição ou acoplagem dos dispositivos de inteligência artificial obliteram o espaço do engano, do enigma e da diferença entre os sujeitos, através da manutenção da ilusão imaginária da identificação e semelhança como elementos de sustentação da relação e do laço com o outro. Entretanto tais elementos apenas produzem uma espécie de sideração com a própria imagem gerando interações especulares e não relações.

É incontestável que a multiplicidade de formas de nomeação e abertura para possibilidade de melhores arranjos relacionais podem viabilizar diferentes encontros, tirando a ideia de que o laço com o outro se faça exclusivamente dentro de uma lógica construída pelo patriarcado, a saber, casamento, relações heterossexuais, monogamia. Mas, estar com outro é inevitavelmente e no melhor dos arranjos, encontrar-se com a face escamoteada de si e do outro.

Finalizo com o último recorte de um adolescente que desiludido frente aos subsequentes desencontros e rejeições anuncia que não mais tentará se relacionar, pois “é feio e sem corpo” comparando suas formas que não atendem bem ao ‘mercado dos corpos *instagramáveis*’. Nos aplicativos de relacionamento consegue mostrar-se inteligente, manipular um melhor ângulo para sua imagem e exibir-se intelectualmente,

## ANAIS

### XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

mas quando seu corpo entra em cena ele desorganiza, se envergonha e o outro perde o interesse. Algo aparece ali onde tudo ele quer esconder. Ele diz “sou feio e não vou mais tentar, preciso primeiro ter corpo para depois me relacionar”, ao que respondo: “curioso, que eu saiba, os feios também transam”.

Deixar aparecer o equívoco, o dente torto, o corpo não harmonizado, é acima de tudo reconhecer-se castrado, no impossível de fazer ‘par perfeito com o outro’ e declinar-se da ilusão de ser o algoritmo perfeito. Independente do tipo de relação, seja num relacionamento aberto ou fechado, presencial ou online, a possibilidade do laço se faz no furo algorítmico, pois o *macth* não é ‘par’, é ‘ímpar’.

#### Bibliografia

Bentes, A. *Selfie influencer: um novo modelo de subjetividade neoliberal nas práticas da comunicação digital*. In: Revista Dispositiva, V.12, N.22, p. 45-67, jul/dez 2003.

Butler, J. *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: Hollanda, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 212-230.

Ferreira, P. P. *Sujeito e gozo escópico nas redes sociais*. São Paulo: Benjamim Editorial, 2023.

Dunker, C. *Intoxicação digital infantil*. In: Baptista, A; Jerusalinsky, J. (org). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. Salvador: Ágalma, 2017, p. 117-145.

Goldenberg, R. *Reflexões de um Geek*. In: Baptista, A; Jerusalinsky, J. (org). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais*. Salvador: Ágalma, 2017, p. 78-88.

Lacadée, P. *O despertar e o exílio – ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

Lacan, J. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998, p. 238-324.

Lacan, J. *A direção do tratamento e os princípios do seu poder* (1958). In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998, p. 591-652.

Lacan, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Levisky, D. L. *Adolescência – reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Rinaldi, D. *Invenções contemporâneas: proximidade, ética e gozo*. Conferência ministrada no 1º Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Universidade

## **ANAIS**

**XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**

**XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL**

Complapsa – 7 Simpósio do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Uerj. Rio de Janeiro: Uerj, 2011.